

Referências

- Azambuja, S. C. de (1986). A mitologia e a realidade da maternidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 20(4), 601-611.
- Azambuja, S. C. de (1994). O problema da comunicação: Diversidade e variação na apreensão do objeto da psicanálise. In L. C. U. Junqueira Filho (Coord.). *Perturbador mundo novo: História, psicanálise e sociedade contemporânea 1492, 1900, 1992* (pp. 221-239). São Paulo: Escuta.
- Cintra, E. M. U. & Figueiredo, L. C. (2004). *Melanie Klein: Estilo e pensamento*. São Paulo: Escuta.
- Freud, S. (1974). Luto e melancolia. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 271-291). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).
- Frydman, R. (1986). *L'irresistible decir de naissance*. Paris: PUF.
- Klein, M. (1996). *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos: 1921-1945*. Rio de Janeiro: Imago.
- Leiblum, S. (Ed.). (1997). *Infertility: Psychological issues and counseling strategies*. New York: John Wiley & Sons.
- Olmos, P. (2003). *Quando a cegonha não vem: Os recursos da medicina moderna para vencer a infertilidade*. São Paulo: Carrenho.
- Petot, J.-M. (2003). *Melanie Klein 2: O ego e o bom objeto: 1932-1960*. São Paulo: Perspectiva.
- Serafini, P. & Motta, E. (2004). *Grávidos! A realização do sonho de ter um filho*. São Paulo: Gente.
- Serafini, P. et al. (2000). *O bê-a-bá da infertilidade*. São Paulo: Serono.

Resumo

O foco principal deste trabalho é comentar algumas questões trazidas pela clínica no atendimento de pacientes que atravessam a infertilidade, ou seja, a dificuldade de conseguir uma gravidez naturalmente. A psicanálise, enquanto instrumento de escuta, pode ser de grande utilidade na compreensão e no manejo de situações extremamente delicadas vividas pela forte presença de uma tecnologia muito avançada que acaba por invadir o corpo, deixando de fora as representações psíquicas. Esta conversa entre a tecnologia e a psicanálise tem se mostrado muito eficaz para ampliar as questões do corpo feminino e seus limites, assim como para aprofundar as reflexões no que diz respeito ao universo da maternidade e suas fantasias.

Palavras chave

Infertilidade. Maternidade. Psicanálise. Representação. Tecnologia.

Summary

Infertility e desire of children: where this pain acts?

The main focus of this work is to place some questions brought from the clinic in the attendance of patients with infertility: the difficulty to obtain a pregnancy by natural means.

The psychoanalysis, while listening instrument, has been of great utility in the understanding and in the handling of extremely delicate situations that are occurring as a result of the strong presence of an advanced technology; a technology that invades the body, not considering the psychic representations.

This colloquy between technology and psychoanalysis has shown itself very efficient in extending the questions of the feminine body and

its limits, as well as deepening the reflections on the universe of the maternity and its fantasy.

Key-words

Infertility. Maternity. Psychoanalysis. Representation. Techonoly.

In corpore sano...^{*}

Erane Paladino^{**}

People say that your dreams are the only thing that save ya.

People say that you'll die faster than without water,

Every time you close your eyes,

Lies!! Lies!! Lies!!

Arcade Fire, “Rebellion”, 2004¹

“O corpo foi descoberto como objeto de alvo e poder.” Para Michel Foucault (1987), os sinais dessa grande atenção ao corpo ficam visíveis na dedicação ao “que se modela, que se manipula, que se treina, que obedece, responde, torna-se hábil e cujas forças se multiplicam” (p. 117). Para o autor, em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes que lhe impõem obrigações. Exerce-se sobre ele uma coerção mesmo no nível dos movimentos, gestos e atitudes.

O discurso veicula e produz poder; além de reforçá-lo, também o contamina e o controla. Igualmente, o silêncio e o segredo dão guarida ao poder, fixam suas interdições; o dito e o não dito criam a margem das tolerâncias e das possibilidades, inclusive as que foram mais ou menos obscuras. Não existe um discurso do poder de um lado, e, em face dele, um outro contraposto. Os discursos são elementos ou blocos táticos no campo das correlações de força. Para o autor, essa dinâmica traz discursos diferentes e até contraditórios dentro de uma mesma estratégia. Sexualidade, para Foucault, é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico:

... não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação do discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder (p.121).

As disciplinas do corpo e as chamadas regulações na população constituem dois pólos em que se desenvolve a organização do poder sobre a vida. A velha potência da morte em que simbolizava o poder soberano é, cuidadosamente, recoberta pela administração dos corpos e pela gestão calculista da vida. A partir da época clássica, no ter-

reno das práticas políticas e conjecturas econômicas, questões ligadas à natalidade, longevidade, saúde pública, habitação, migração e outras técnicas diversas foram priorizadas também como instrumento de sujeição dos corpos e de controle das populações. Não há política sem o domínio e o controle sobre os corpos. Abre-se, assim, para Foucault a era do *biopoder*. Sem dúvida, esse é o elemento indispensável ao desenvolvimento do capitalismo, que só pode ser garantido à custa da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção por meio de um ajustamento dos fenômenos da população aos processos econômicos (Foucault, 1987).

“O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe” (p. 118). Uma anatomia política que é também uma *mecânica de poder*; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas que operem como se quer, com as técnicas segundo a rapidez e a eficácia determinadas. São estes os chamados “corpos dóceis”, corpos submissos e exercitados. A disciplina aumenta a força do corpo, em termos econômicos de utilidade, e diminui essas mesmas forças, em termos políticos de obediência. Ocorre uma dissociação entre poder e corpo e, contraditoriamente, sua aptidão leva ao fortalecimento de sua capacidade de sujeição (Foucault, p. 119).

Os princípios apresentados por Foucault deram inspiração a uma corrente de pensadores como, por exemplo, Giorgio Agambem (2002). Em suas reflexões sobre o *Homo sacer*, esse autor comenta a existência, na política ocidental, de uma “biopolítica”, o que torna vã toda tentativa de fundamentar nos direitos dos cidadãos as liberdades políticas. Fica lançada uma sombra sinistra sobre referenciais das ciências humanas, sociologia e arquitetura. Embora voltadas a pensar nas possibilidades de humanização do espaço público das cidades, não escapam de reproduzir de seu próprio centro a biopolítica dos Estados totalitários.

Pensar a dinâmica sociocultural contemporânea sugere a lembrança de um importante movimento com início no século passado: o chamado movimento higienista. Com

* Título baseado na frase romana “Mens sana in corpore sano”, projeto datado do século I d.C.

** Psicóloga clínica, professora do Departamento de Psicodinâmica do Instituto Sedes Sapientiae, autora do livro *O adolescente e o conflito de gerações na sociedade contemporânea*, Ed. Casa do Psicólogo, 2005.

1 “Dizem que seus sonhos são a única saída para lhe salvar/ Dizem que você morrerá rapidamente quando a água acabar/ Sempre feche seus olhos/ São mentiras, mentiras, mentiras!!!”

o apoio da burguesia, propôs-se a normatização da saúde, da educação física, da moral e da sexualidade. Tais princípios trouxeram visível melhora na qualidade de vida. Aproximou-se a aquisição de saúde individual da aquisição de status social. A manipulação político-econômica sobre a vida dos indivíduos, porém, ficou facilitada. O “corpo saudável” tornou-se representante de uma classe e de uma raça. Nessa configuração, movimentos políticos e ideológicos – como o nazismo e o fascismo – encontraram fonte de inspiração.

A antropóloga britânica Mary Douglas em *Purity and danger* (1966, p. 138) estabelece uma relação entre corpo e estrutura social. Para a autora, o corpo dá apoio à definição de qualquer sistema e seus limites podem representar fronteiras precárias ou ameaçadas. O corpo pode ser visto, então, como símbolo da sociedade e nele estão reproduzidos, em uma escala menor, os perigos e poderes creditados à estrutura social (p. 48).

Sob o olhar da contemporaneidade, se, na sociedade industrial, o corpo era o instrumento da produção, lugar de disciplina e controle, agora se destina a ser objeto da produção incessante de serviços e desejos. A dinâmica social propõe referenciais singulares.

Vivemos um embate entre o local e o global, entre o concreto e o abstrato. Essa resolução, na maioria das vezes, surge por processos que estimulam a mistura, a indiferenciação. Há uma espécie de geopolítica sem fronteiras, em que a perda de privacidade e a falta de limite entre o público e o privado acontecem, seja na intimidade doméstica, seja nas relações políticas mais abrangentes. As câmeras de circuito fechado, os processos de controle de identificação nas portarias, a TV via satélite, a internet, os *hackers* seriam alguns dos principais exemplos da mudança ocorrida nas relações de espaço/tempo. A tecnologia abre novas concepções de máquina e organismo, antes considerados textos “codificados”, por meio dos quais participávamos do jogo de escrever e ver o mundo.

Os limites do corpo parecem se perder. Há toda uma indústria estética voltada a motivar, em nome da “saúde”, o consumo de um corpo ideal a ser ajustado e embutido no corpo de cada um de nós. Segundo Mary Douglas,

parece que a assimilação das conquistas em relação ao rendimento e à estética corporal, por parte da população, ocorre de uma maneira ingênua e ao mesmo tempo como promessa, sempre implícita, de conquista de uma juventude eterna, de um corpo esbelto, belo, de uma superperformance atlética, sexual etc. (p. 127).

Hoje, confundem-se o natural e o artificial, o corpo e a mente, ser e parecer. Fortalecidas estão as imagens, a glorificação da juventude, a apologia do performático e da *mise-en-scène*. A necessidade de satisfação imediata alia-se à intensa demanda de informações, bombardeadas a cada minuto pela mídia, a internet, o celular. As tendências e a moda também não pedem fidelidade.

O projeto do romano Juvenal – *Mens sana in corpore sano* –, no primeiro século da era cristã, parece paradoxal para este momento. Villaça (1999) pensa a sociedade pós-moderna sob a dicotomia entre a cultura primitiva, mais restrita ao orgânico e ao biológico, e os fundamentos ontológicos das epistemologias ocidentais: “Em meio à discussão entre humanismo e pós-humanismo, perguntamo-nos se a tão aludida valorização do corpo, no rompimento de seus limites, o libera realmente ou se apenas vivemos tempos de hiperbolização das disciplinas foucaultianas” (p. 54).

Falamos de uma espécie de desmaterialização do corpo, do apelo ao grotesco, de formas híbridas e protéticas. Seriam estas manifestações da quebra de limites da espacialidade corporal da modernidade, que fazem repensar o imaginário em suas formas virtuais (p. 56).

A moda para Villaça (1999) recria conceitos de verdade, bem e belo, fabricando *selves* performáticos, sugerindo comportamentos e atitudes, oferecendo-se como arquivo e vitrine do ser/parecer (p. 57). A moda deixa de ser proposta e parece, cada vez mais, tornar-se prótese na linha do fetiche. Em vez de corrigir, expressar ou valorizar o corpo, ela o anula. É como se o sapato substituísse os pés, a lingerie substituísse o corpo, e assim por diante. Baudrillard (1976) interpreta a moda como impeditiva da expressão do desejo, assim como o *design* como controle do corpo. Falamos de fetiche enquanto *substituição* do corpo, enquanto *anulação* e *coisificação*. Para Baudrillard, o corpo passa a ser vítima da moda. Os desfiles de moda, expondo mulheres esqueléticas com andar robotizado e olhar vazio, ilustram esta idéia (p. 67). Como é o produto que interessa, a moda parece vestir a modelo que a expõe.

Ampliando a discussão sobre a questão corporal, observamos nas artes, por exemplo, a expressão do corpo ganhando outro olhar, herança dos movimentos da *pop art*, do minimalismo e de surrealistas: é o chamado *body-art*, lugar para o corpo tornar-se a tela, a moldura e o território. Desenhos, tatuagens, automutilações e *piercings* surgem nos corpos como o manifesto vivo, fonte de dor, de prazer e de estímulo para os olhares de *voyeurs*.

Esta tendência pode adquirir contornos violentos em numerosas manifestações contemporâneas, como a da carne em putrefação, de deformações e decomposições, e tem sido observada nas obras de um número significativo de artistas contemporâneos.

Tal como no filme *Blade Runner*, de Ridley Scott (1981), o corpo belo parece próximo dos seres *replicantes*. O corpo *malhado* está tão musculoso que parece “engessar” a liberdade de expressão. A mulher esquelética como referencial de beleza elimina a sensualidade e os contornos, transformando modelos em espécies robotizadas, de olhares vazios.

Desalojamentos

O impacto da modernidade para Anthony Giddens traz uma notável diferença em relação a todas as formas anteriores de ordem social, quanto a seu dinamismo e ao grau

que interferem em hábitos e costumes tradicionais. A natureza da vida social cotidiana é alterada de maneira radical, provocando um entrelaçamento entre as instituições e as disposições pessoais. O futuro é trazido para o presente por meio da organização reflexiva dos ambientes de conhecimento. Dado o caráter móvel das instituições modernas, associado à natureza mutável e muitas vezes controversa dos sistemas abstratos, a maioria das formas de aferição dos possíveis riscos contém elementos imponderáveis. O mundo que o autor chama de “alta modernidade” é *apocalíptico*, por introduzir riscos constantes. Ocorre, inevitavelmente, a influência de acontecimentos distantes sobre eventos próximos e, ao mesmo tempo, sobre as intimidades do eu. A mídia impressa e eletrônica desempenha, sem dúvida, um papel central. A experiência canalizada pelos meios de comunicação de massa, em particular a comunicação eletrônica, a interpenetração do autodesenvolvimento dos sistemas sociais, chegando até os sistemas globais, se tornam cada vez mais pronunciadas.

Freud, no clássico texto *O mal-estar na civilização* (1929/1989), apresenta a importante discussão sobre o estabelecimento da cultura como resultado da tentativa de dominação e/ou de enfraquecimento das pulsões agressivas, oferecendo em contrapartida um ambiente de maior segurança. É esse o chamado *mal-estar*, fruto da ambivalência entre civilização e agressão, amor e morte. Tal experiência favorece a construção das representações que constituem o sujeito e sua subjetividade. E como pensar a subjetividade e os novos referenciais sociais?

Na contemporaneidade, os canais de repressão sobre os instintos parecem bem mais camuflados: de modo sedutor e envolvente, o consumo e o excesso de estímulos externos surgem com promessas de prazer e bem-estar inesgotáveis. Fantasia e realidade se confundem, dissolvem-se a capacidade de escolha e o contato com desejos genuínos.

O mundo hoje é único, com um quadro de experiências unitário, mas capaz ao mesmo tempo de criar novos modos de fragmentação e dispersão. A tradição perde seu domínio e a vida diária parece reconstituída, a todo momento, no jogo dialético entre o local e o global.

Giddens chama de “desencaixe” ao deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação a partir de extensões indefinidas de tempo e espaço. Isso provoca uma alternância de familiaridade e estranhamento, já que a experiência está mediada pelo distanciamento entre um e outro. Para Ianni (1999), o indivíduo passa a ser elo de múltiplas redes de comunicação, informação, interpretação, divertimento, aflição, evasão:

Cada indivíduo pode ser um feixe de articulações locais, nacionais, regionais e mundiais, cujos movimentos e centros de emissão estão dispersos e desterritorializados mundo afora. Multiplicam-se os pastiches, os simulacros, as virtualidades. A

aldeia global parece uma metáfora e uma realidade, uma configuração histórica e uma utopia. Ficam desterritorializadas as coisas, as gentes, as idéias, as realidades e os imaginários (p. 126).

Esse processo dá origem ao que Ianni denomina *fragmentação do real*, disperso pelo espaço e despedaçado no tempo:

Quando se acelera a globalização, tem-se a impressão [de] que geografia e história chegaram ao fim e que a razão possa estar dando lugar à imaginação. Troca-se experiência por aparência, o real pelo virtual, o fato pelo simulacro, a história pelo instante, o território pelo dígito, a palavra pela imagem (p. 211).

Tais constatações trazem ressentimento em relação aos modelos do Iluminismo e aos ideais que nutrimos sobre democracia?

Os tiranos parecem invisíveis, se é que eles hoje estão personificados. A violência contra a vontade popular não se exerce mais por uma tirania explícita, e sim por um sistema aparentemente democrático, cujas regras formais de funcionamento impedem uma verdadeira contestação ao poder existente. No mundo globalizado, a coação não atua mais a partir da escassez, mas pela abundância. O excesso de opções e estímulos provoca torpor e lentidão. O esvaziamento e a falta de sentido são o contraponto à multiplicidade de opções. Quanto à sexualidade, não há mais repressão direta – há uma liberação a serviço do controle. Apesar de a palavra de ordem ser saúde, qualidade de vida e relacionamento, voltam com intensidade o racismo, o fundamentalismo e a discriminação (Rouanet, 1997).

Estudos científicos e pesquisas servem prontamente aos princípios ideológicos mencionados. Novos campos emergentes de tomada de decisão afetam não só, por exemplo, o processo direto de reprodução biológica, mas também a constituição física do corpo e as manifestações da sexualidade. Tais campos de ação rebatem sobre questões de gênero, longevidade, fertilidade etc.

Tecnologias reprodutivas alteram antiqüíssimas oposições entre fertilidade e esterilidade. A inseminação artificial e a fertilização *in vitro* distanciam a reprodução pela relação heterossexual. “O estéril pode se tornar fértil e a sexualidade não precisa, necessariamente, fazer mais parte da preservação biológica da espécie” (Giddens, 2002, p. 202). Os prazeres do sexo podem ser adquiridos através dos acessórios e das fantasias que são mercantilizados e oferecidos como mais um produto de consumo. A ectogênese, com a produção de crianças inteiramente fora do corpo, a concepção de crianças sem o processo da gravidez e a clonagem podem ser pensadas a partir de relações exclusivamente sociais.

Ironicamente, Baumann (2004) diz que “os filhos estão entre as aquisições mais caras que o consumismo médio pode fazer ao longo da vida” (p. 60). A separação entre sexo e reprodução tem a anuência do poder. A

estratégia escolhida é o produto conjunto do líquido ambiente da vida moderna e do consumismo. Espera-se que o sexo seja auto-sustentável e auto-suficiente e que se mantenha sobre os próprios pés para ser julgado pela satisfação que possa trazer por si mesmo.

Em seu artigo “Mal-estar na modernidade”, Sérgio Paulo Rouanet (1997) reconhece um clima de liberdade. Dando créditos a Marcuse como um crítico da cultura, ele faz esta consideração:

É justamente da liberdade que partem agora os impulsos para dominar os homens. A repressão assume a forma de liberdade. A violência do pensamento não se manifesta mais como proibição de pensar, mas como liberdade de pensar, o que nas condições atuais de condicionamento invisível significa a liberdade de pensar o que todos pensam (p. 10-11).

Para Jurandir F. Costa, os ideais de felicidade estão diretamente associados à perfeição física, reforçados pelas promessas das novas tecnologias médicas. Há uma espécie de *fascínio crônico* pelas possibilidades de transformação física anunciadas pelas próteses genéticas, químicas ou mecânicas (2004, p. 77):

O homem moderno voltado aos ideais pós-revolucionários de felicidade – ou, se quisermos, para os ideais burgueses de comodidade e bem-estar – é alguém que desaprendeu a sofrer. Já que felicidade, na visão de Benthán, alcança-se com o consumo, tornamo-nos objetos desta fantasia (p. 137).

O consumidor insatisfeito é o sujeito que mantém a incongruência ideológica em equilíbrio, evitando as fraturas bruscas do sistema.

Paradoxal é que o índice de suicídios entre os jovens tem aumentado significativamente, e a medicina responde ao paradigma da depressão. A depressão e o desencanto que podem advir do homem dessubjetivado, refém deste intenso processo de deslocamento e da desterritorialização dos desejos e da condição de sujeito. Os remédios parecem querer abolir a liberdade, ou, como diz Roudinesco: “Em lugar do desejo, a ausência do desejo, em lugar do sujeito, o nada e em lugar da história, o fim da história” (p. 41). Nada é mais próximo da patologia do que o excesso de normalidade. Não há mais espaço para o sofrimento. A negação da alteridade gera intolerância. O culto à saúde e ao corpo perfeitos une-se às propostas de longevidade, qualidade de vida, alimentação saudável, satisfação imediata, liberdade etc. “Quanto mais ela se encerra na lógica narcísica, mais foge da idéia de subjetividade” (p. 43). Para a autora, a falta de alguma perspectiva revolucionária gera uma desenfreada busca da felicidade. Como consequência, o indivíduo da contemporaneidade alia-se compulsivamente à droga, à religiosidade e ao higienismo.

O apelo externo é intenso o suficiente para que a rea-

lidade seduza e muitas vezes deixe sucumbir um espaço para a introspecção. Como diz Joel Birman (1999): “O sujeito perde em densidade e profundidade e transforma-se em uma superfície plana” (p.120). A tridimensionalidade na percepção, na sensibilidade, nas relações, nos afetos, parece esvaziar-se, apesar da abundância das possibilidades de escolhas de prazer e satisfação.

Os indivíduos tornam-se cada vez mais uma espécie de *performers*. Ser “proativo” tornou-se a palavra de ordem. O apelo das imagens tenta ofuscar o pensamento e as palavras. Imagens que podem ser esquecidas ou dispensadas no próximo minuto. A maioria dos jovens que atendo em meu consultório reconhecem o especial interesse nas imagens. O contato intenso na internet e nos videogames, assim como o fascínio pelos vídeosclipes podem ser exemplos. Uma nova configuração se apresenta e pensar sobre esse contexto e sua complexidade ainda requer a busca por ângulos mais nítidos.

Referências

- Agambem,G. (2002). *Homo sacer*. Belo Horizonte: UFMG.
- Baudrillard, J. (1976). *L'échange symbolique et la mort*. Paris: Gallimard.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Birman, J. (1999). *Mal-estar na atualidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Costa, J. F. (2004). *O vestígio e a aura*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Douglas, M. (1966). *Purity and danger*. Baltimore: Penguin.
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e punir*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Foucault, M. (2005). *História da sexualidade. Vol. 1: A vontade do saber* (16a ed.) Rio de Janeiro: Graal.
- Freud, S. (1989). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 3, p. 3047-3048). Madrid: Ed. Nueva. (Trabalho original publicado em 1929).
- Giddens, A. (1991). *Consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp.
- Giddens, A. (2002). *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Ianni, O. (1999). *Teorias da globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Rouanet, S. P. (1997). Mal-estar na modernidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 31 (1), 9-30.
- Roudinesco, E. (2000). *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Villaça, N. (1999). *Em pauta: Corpo, globalização e novas tecnologias*. Rio de Janeiro: Mauad; CNPq.

Resumo

O texto apresenta uma reflexão sobre sexualidade e corpo na contemporaneidade. Para Foucault (1987), sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico. A chamada biopolítica, de Agambem (2002), torna vã toda tentativa de fundamentar nos direitos dos cidadãos as liberdades políticas. Fica lançada uma sombra sinistra sobre referenciais das ciências humanas, sociologia e arquitetura. Apesar de novos modelos, aparentemente menos tirânicos, vive-se hoje um embate entre o local e o global, o concreto e o abstrato, entre massificação e individualismo. Estudos científicos e pesquisas servem prontamente a esses

princípios ideológicos. Novos campos emergentes afetam não só, por exemplo, o processo direto de reprodução biológica, mas também a constituição física do corpo e as manifestações da sexualidade. Rouanet (1997) reconhece, porém, um clima de liberdade. Para o autor, a violência sobre o pensamento não se manifesta mais como proibição de pensar, e sim como liberdade de pensar, o que nas condições atuais de condicionamento invisível significa a liberdade de pensar o que todos pensam.

Palavras-chave

Contemporaneidade. Corpos. Subjetividade. Tecnologia.

Summary

In corpore sano...

This article presents a reflection about sexuality and the body on contemporaneity. According to Michel Foucault (1987), sexuality is the name that can be given to a historic device. Agambem (2002) attributes a biopolitics to western politics, which makes vain every attempt to establish the political freedoms in the citizen's rights. A sinister shadow is cast upon references of human sciences, sociology and architecture. Today, we live a struggle between local and global, concrete and abstract, massification and individuals. The sciences and technology research readily serve these ideological principles. New merging fields affect not only, for instance, the direct process of biological reproduction, but the very physical constitution of the body and the manifestations of sexuality. Rouanet (1997) recognizes a climate of freedom. The violence on the thought is no longer manifested as a prohibition to think, but as a freedom to think, which, in the present conditions of invisible conditioning, means the freedom to think what everyone thinks.

Key words

Contemporaneity. Bodies. Subjectivity. Technology.

Erane Paladino
Rua Batatais, 391, cj. 62 – Jardins
05469-000 – São Paulo – SP
Tel.: 11 3887-9889
erane@uol.com.br